



ALGUMAS APROXIMAÇÕES: SARTRE E DELEUZE

SOME APPROACHES: SARTRE AND DELEUZE

Livia Machado da Silva¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho busca fazer uma leitura das obras do filósofo Jean-Paul Sartre entre elas: A Náusea e a peça Entre quatro paredes para entender quais implicações estão direcionadas por ele à arte e também entender um pouco dos conceitos filosóficos expostos ainda que implicitamente nos seus romances e peças. Vamos também buscar interseções com o autor Gilles Deleuze por ser este um filósofo que abordou o tema da criação, da arte como via de singularização do sujeito e ver o que esses dois autores podem ter em comum.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre; Deleuze; criação; subjetividade.

ABSTRACT: This paper seeks to make a reading of the works of the philosopher Jean-Paul Sartre among them: Nausea and number Between four walls to understand what the implications are directed by him to the art and also understand a bit of philosophical concepts exposed even implicitly in their novels and plays. We will also seek intersections with author Gilles Deleuze because it is a philosopher who dealt with the creation of art as a way of singling out the subject and see what these two authors have in common.

KEYWORDS: Sartre; Deleuze; creation; subjectivity.

I. INTRODUÇÃO

Na França desolada do período Pós Segunda Guerra, Sartre atinge seu ápice e a imprensa antes censurada começa a se reerguer. Segundo Garcia (2009) alguns anos após a desocupação das tropas alemãs, o povo francês ainda festejava por sua liberdade ofuscando por certo tempo algumas questões de modificação da própria estrutura da sociedade. Entre outras particularidades, é nesse cenário que Sartre encontrará um terreno fértil para abordar o tema da angustia, da liberdade e da responsabilidade tornando-se o que chamavam de ‘literatura engajada’ ou ‘arte engajada’.

O sentido que Sartre procurava era de: “mudar ao mesmo tempo a condição social do homem e a concepção que tem de si mesmo; [e] dar à literatura o que nunca deveria ter deixado de ter, uma função social” (COHEN-SOLAL, 1986 *apud* GARCIA, 2009, p.26).

¹ Graduação em Psicologia (UFRJ). Profissional em treinamento Hospital Escola São Francisco de Assis – UFRJ. Email: liviamachadosilva@gmail.com



Essa tarefa a qual Sartre se propõe fez do seu sucesso uma ambiguidade já que ao mesmo tempo em que oferecia a seus leitores uma posição necessária as mudanças às quais a sociedade reivindicava, esta tinha um caráter pouco ‘confortável’ e tornava-se difícil deixar velhos costumes para trás. Como diz Simone de Beauvoir:

As pessoas se lançaram avidamente sobre uma comida qual tinham fome; quebraram os dentes e soltaram gritos cuja violência intrigava e atraía. [...] a **liberdade** que lhes oferecia implicava em fatigantes **responsabilidades**; voltava-se contra as instituições, os costumes, destruía sua segurança. Convidava-os a usá-la para se aliar ao proletariado: eles queriam entrar para a História, mas não por essa porta. (BEAUVOIR, 1995, p.43 *apud* GARCIA, 2009, p.33).

Como podemos perceber o engajamento de Sartre está envolvido de diversas formas com a política e com a arte. No entanto, a que concepção de arte Sartre se refere? Para ele, a arte não é um mero espelho do social, mas sim se constitui apresentando visões de mundo de certos grupos historicamente datados. Esse processo é da ordem de um fluxo contínuo de forças que transformam autor, leitor, a obra estética e de modo otimista a realidade social. “O que Sartre ([ca. 1960]) evidencia é que aquele que escreve, o faz a partir de uma situação social e está impregnado por ela, ele é um agente social no mundo e se dirige a um leitor contemporâneo.” (SARTRE, 1960 *apud* GARCIA, 2009, p. 49).

Sartre busca entender a existência permeada pela liberdade, a condição humana do leitor ao qual se dirige sem se abster da sua posição histórica, cultural e temporal. Para entender o que é este conceito na obra sartreana é preciso saber que ele “definiu a liberdade como modo de ser do homem, o qual chamou de ser Para-si, que existe sempre em situação.” (GARCIA, 2009, p.50). Portanto, “o homem ao qual Sartre se dirige é este ser preenchido de mundo, cujo modo de ser é transcender a própria facticidade em direção ao sentido.” (GARCIA, 2009, p. 52). Ou seja, o homem está sempre em *situação*, envolvido com escolhas que admitem responsabilidades numa rede infinita de relações, seja com o tempo, com a história e com o próprio sentido de busca de ser.

Nas obras de Sartre vemos que o presente, passado e futuro são inseparáveis do modo de ser do homem e esta qualidade é também motor de suas ações. Essa característica tem relação também com um movimento que Garcia (2009) vai denominar uma dialética, uma troca entre



autor-leitor. Esses dois pólos de uma obra que não é dada *a priori*, mas constitui-se no escrever algo que está imerso no cotidiano das pessoas e o reconhecer-se/implicar-se no que é lido e a partir desse movimento fazer questionamentos do nosso posicionamento no mundo.

Algumas passagens de Sartre ressaltam o viés ‘engajado’ de suas obras.

Todos os escritos possuem um sentido, mesmo que este sentido esteja muito afastado daquele que o autor tenha pensado em dar-lhe. Para nós, com efeito, o escritor não é Vestal nem Ariel: está “metido no caso”, faça o que fizer marcado, comprometido, mesmo no seu mais profundo afastamento (SARTRE, [ca. 1960], p.11 *apud* GARCIA, 2009, p.62).

Um argumento criticado por Sartre é a busca da ‘arte pura’ como se fosse possível uma arte hermética, fadada a experiências laboratoriais que pudesse se resumir a ‘limpeza’ dos cálculos das ciências e a repetição. A verdade é que embora a arte já tenha se submetido a tal paradigma, o que se torna inerente à uma obra artística é o aspecto de ‘desterritorialização’, ‘ressignificação’ ou ainda:

Na forma estética é possível que haja a existência da ambiguidade e da contradição, há espaço para paradoxos e confusões, enquanto que na produção racional-científica estes aspectos tendem a ser descartados e vistos como um “erro” no produto. (GARCIA, 2009, p. 66).

Após falarmos sobre o terreno que Sartre se baseou e o que ele entende ser a ‘função social da arte’ podemos então chegar ao ponto de falarmos sobre a literatura sartreana.

II. LITERATURA/INTERSEÇÕES

Um dos seus principais aspectos da literatura sartreana é a tomada de temas sociais como pano de fundo das suas obras. Essa atitude possibilita um questionamento da realidade vivida (em certa época), mas que mantém um ar ‘atemporal’ no sentido de podermos transpor algumas personagens para o nosso momento atual. A arrumação social, papéis sempre em busca de situações-limite (*entre muros*) até o máximo desvelamento das angustias do ser até que a morte se torna, em alguns casos, uma opção para o exercício da liberdade, ou seja, a própria negação da existência sendo escolhida livremente pelo homem.



Na obra sartreana, vemos com frequência personagens que não possuem qualidades nobres dos heróis tradicionais; eles fraquejam, se acovardam e mentem a si mesmos. Além disso, há também uma constante presença de “chefes”, ou “homens de bem”, “Honestos”, “Justos”, que são criados pelo autor de forma irônica e crítica para contrastar com os bastardos e traidores. (GARCIA, 2009, p.84).

No ano de 1988, Gilles Deleuze decide conceder uma entrevista a Claire Parnet que é publicada em 1994. Nesta o filósofo aborda vários temas entre eles o tema da Literatura. O que Deleuze nos revela é que o trabalho do filósofo em criar conceitos se assemelha com o trabalho do literato em criar personagens. Como ele mesmo afirma:

O que há de comum entre as duas atividades, a grande filosofia e a grande literatura, é que ambas testemunham em favor da vida. É o que chamei de potência há pouco. [...] Filósofos e literatos estão no mesmo ponto. Há coisas que se consegue ver e das quais não se pode mais voltar. Que coisas são estas? Varia muito de um autor a outro. Em geral, são perceptos no limite do suportável ou conceitos no limite do pensável. É isso. Entre a criação de um grande personagem e a criação de um conceito, eu vejo muitas ligações. É como se fosse a mesma empreitada. (DELEUZE, 1994, p. 55-56).

Entendemos então que uma obra, seja ela literária ou não, assume um papel importante, pois constitui como já afirmou Sartre, o autor, o leitor/ espectador e a própria obra. Mas essa característica só se torna possível porque ela vem carregada de um ‘*percepto*’ ou podemos dizer que as personagens trazem em si conceitos como a filosofia.

No caso das obras sartreanas temos a relação eu-outro em *Entre quatro paredes*: “o outro não apenas revelou-me o que sou: constituiu-me em novo tipo de ser que deve sustentar qualificações novas” (Sartre, 2005 *apud* GARCIA, 2009, p. 87-88). O inferno sartreano, expõe as relações intersubjetivas, as rotulações e a inacessibilidade na consciência do outro sobre mim. O olhar é por isso livre, porém capturador do objeto. Esta peça traz essencialmente o outro como juiz ou carrasco, mas também como ponto de apoio necessário à valorização de nós, à nossa descoberta. O triunfo, no entanto não dependeria apenas do juízo dos outros sobre nós, mas do próprio juízo sobre si.

Já na obra *A Náusea*, a personagem Antoine Roquetin admite ao longo da obra a sua lucidez revelando um mundo que já não possuía mais os valores antes tidos como importantes.

Gostava tanto de me abandonar, de me esquecer de mim, de dormir. Mas não posso, sufoco: a **existência** penetra em mim por todos os lados, pelos olhos,



pelo nariz, pela boca... E bruscamente, num repente, rasga-se o véu; compreendi, vi. Seis horas da tarde. Não posso dizer que me sinta aliviado nem contente; pelo contrário, estou esmagado. Somente, atingi o meu fito: sei o que queria saber; compreendi finalmente tudo o que me vem sucedendo desde o mês de Janeiro. A Náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo; mas deixei de sofrer com ela, não se trata já duma doença nem dum acesso passageiro: a Náusea sou eu. (SARTRE, versão eletrônica, p.78).

Nessa passagem um conceito emerge como fundamental para a descoberta de Roquetin. A existência. Esta é “uma plenitude que o homem não pode abandonar”. (SARTRE, versão eletrônica, p. 83). Sartre afirma: “a existência precede a essência”. O homem primeiro existe, se descobre e depois se define, está lançado no mundo e responsável por suas escolhas ele constrói sua essência. Esse é um processo que nos revela o quanto somos engendrados na dinâmica da vida e que quando tomamos esse sentido da existência pode nos ocorrer que não caibamos mais neste mundo que vivemos. Em outra passagem ele afirma o “homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e no entanto livre, porque uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer.” (SARTRE, 1962 *apud* CUNHA, 2010, p.1).

O que fundamenta a liberdade é o *nada*. Isto porque segundo Cunha (2010) a liberdade o constitui como para-si (projeto de ser/devir), isto é, como consciência que sendo sempre consciência de alguma coisa não tem conteúdo, é vazia, por isso o fundamento da liberdade é o nada, direcionado para o em-si (dado, fechado) do mundo, eximindo-se de todo e qualquer determinismo. Então nota-se um certa distância que força um movimento da consciência em se refazer sempre e nunca se fechar no em-si.

Na visão sartreana, a liberdade é esta indeterminação que tem origem na falta de ser, no que o filósofo chama de *Nada*. Desta forma, não é possível falar de uma essência prévia do existente, o que descarta a ideia de natureza humana, mas sim de uma condição humana onde a existência precede a essência. (GARCIA, 2009, p.98).

Ou ainda podemos falar de um posicionamento ético de acordo com Garcia (2009, p. 102): “o homem, enquanto ser-para-si é um ser que está constantemente em questão para si próprio e isto significa que há uma distância de si fundamental, diferentemente do ser em-si que existe em uma total coincidência consigo mesmo.”.



Então o mundo em que vivemos assume os valores que nós oferecemos de acordo com uma multiplicidade de vetores que acabam também por nos constituir como a cultura, o gênero, classe social, situação econômica, política enfim não há valores antes de nós escolhermos o que queremos como tais. Aceitar um valor ou ser um valor exprime um desejo de equilíbrio interior, de uma harmonia no todo que nos constituímos.

O homem é o ser pelo qual o valor vem ao mundo, aquele que, em seu movimento, revela e *valora* os objetos a sua volta imprimindo-lhes um sentido que é expresso por suas escolhas. (GARCIA, 2009, p.100).

Como podemos perceber tanto Deleuze quanto Sartre assumem uma posição reflexiva frente ao mundo, mas também apostam num potencial de vida. Quando Sartre nos revela o processo de ressignificação da consciência como algo constante é possível trazer a ideia de transmutação em Deleuze que afirma o sujeito criativo, como livre no fluxo de devires. Ou seja, ambos nos levam a oportunidade de nos ‘jogar’ neste fluxo, como Sartre coloca “a busca de situações-limite” para nos descobrirmos sujeitos das nossas infinitas escolhas. Como nos fala Garcia (2009, p.102) “para construir, precisa-se em parte destruir, nadificar aquilo *que é* em nome daquilo *que não é*, ou seja, inventar e criar. O homem cria a si mesmo na medida em que age, nada existe *a priori*, ou potencialmente, o homem é o que manifesta”.

III. CONCLUSÃO

Depois de ler as contribuições dos dois filósofos à arte podemos entender a infinidade de contornos possíveis que uma obra pode assumir. Não falamos aqui de uma arte usada para elevar o humor, para descansar nos fins de semana, falamos sobre um tipo específico de abordagem literária que discute outros campos artísticos como a música, o teatro, a pintura e que se faz terrível para quem tem contato. Terrível não por ser uma ‘literatura menor’, caso que não é. Mas porque ‘rasga’ a nossa subjetividade de tal forma que uma vez sabendo do que se trata, não podemos mais ser inocentes. É desterritorializante saber o quanto somos responsáveis.

Quando Saint- Exupéry escreve “Você é eternamente responsável pelo que cativas” não parece ser algo tão desolador. Mas Sartre faz parecer a última coisa a desejarmos. É uma



liberdade que condena a nós assumirmos nossos feitos enquanto seres em relação com o mundo. Deslocamo-nos da posição de objeto de um mundo para agentes do mundo e para isso “devemos compreender a *relação* de produção de sentido que demarca a constante interligação do homem com o mundo”. (GARCIA, 2009, p.107). E ainda:

Tudo isso pertence ao terreno da ética, visto que o homem é responsável pelo que faz de si e do mundo. As questões colocadas para o homem que age no mundo são as possíveis de seu tempo, e por isso, a época em que vive se torna a época *dele*, o que o faz responsável por ela. (GARCIA, 2009, p.104)

Além da questão da responsabilidade da ação humana, podemos constatar a amplitude do que Deleuze chama de ‘máquina de expressão’. Segundo Deleuze, ‘a literatura é uma máquina de expressão que precede e conduz conteúdos. (CUNHA, 2010, p.10). Essa máquina “é o movimento de desterritorialização na expressão como capacidade inovadora opondo-se ao uso extensivo ou representativo da língua que abandona o sentido usual fazendo nascer outros sentidos inusitados. (IDEM, p. 9).

Se pudéssemos colocar frente a frente Sartre e Deleuze, acredito que uma das posições mais marcantes em que ambos concordariam seria a respeito da liberdade, cada um a seu tempo, mas a noção da mesma tomada em suspensão nos dirigiria a uma ideia de liberdade engendrada por múltiplos vetores e poderia ser exemplificada pela passagem a seguir:

A liberdade *não é*, propriamente falando; ela se conquista numa situação histórica; cada livro propõe uma libertação concreta a partir de uma alienação particular. Existe em cada um, assim, um recurso implícito a instituições, a costumes, a certas formas de opressão e conflito, à sabedoria ou à loucura do dia, a paixões duráveis e obstinações passageiras [...] enfim, aos costumes e valores recebidos, a todo um mundo que o autor e o leitor têm em comum [...] e é a partir dele que o leitor deve realizar a sua libertação concreta; ele é a alienação, a situação, a história, é ele que deve recuperar e assumir, é ele que deve mudar ou conservar, para mim e para os outros. (SARTRE, 2004, p.57-58 apud GARCIA, 2009, p.64).

Por fim, faço minhas as palavras de Deleuze quando este fala sobre Sartre: “Tudo passou por Sartre, não apenas porque, filósofo, ele tinha o gênio da totalização, mas porque sabia inventar o novo.”. (DELEUZE, 2002, p.2).



REFERÊNCIA

CUNHA, Maria Helena Lisboa. **Sartre e Deleuze: interfaces com a literatura**. Disponível em: <http://www.pgfil.uerj.br/publi/MariaHelena2010/Sartre-Deleuze.pdf>. Acesso em: 06 de junho de 2012.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Deleuze**. Entrevista concedida à Claire Parnet. 1994. Versão eletrônica.

_____. **Ele foi meu mestre**. Tradução de Leonardo Maia. In: *L'île deserte et autres textes. Textes et entretiens, 1953-1974*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

GARCIA, Fernanda Alt Fróes. **Sartre e seus heróis bastardos: A produção de sentido na literatura como engajamento no tempo presente**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social - Pós-Graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, 1964. Difusão Européia do Livro.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Virgílio Ferreira. Lisboa, 1970. Editorial Presença. 4ª edição.

_____. **A Náusea**. Tradução de António Coimbra Martins. Versão eletrônica.

_____. **Entre quatro paredes**. Tradução de Guilherme de Almeida. Versão eletrônica.

_____. **The Road to Freedom (Human, All Too Human, BBC)**. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=rKH_plmvHIQ. Acesso em: 18 de maio de 2012.